

Proletários de Todos os Países: UNIVOS!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

AO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA

Ao tomar conhecimento da Resolução do Pleno do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética sobre a acção fraccionista do grupo anti-partidário, que incluía Bostai e a linha do Partido, constituído por Malenkov, Kaganovich e Molotov, o Comité Central do Partido Comunista Português, depois de discutir cuidadosamente o conteúdo da mencionada e profunda dessa resolução no que se refere

à salvaguarda dos invioláveis princípios leninistas da construção e desenvolvimento do Partido, das conquistas do socialismo, dos interesses do movimento operário internacional e da aplicação das históricas resoluções do XX Congresso do P. C. U. S. que encontram o apoio unânime dos trabalhadores e dos povos de todo o mundo, resolveu manifestar o inteiro apoio ao Pleno do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, na defesa da sua decisão acerca de desmascaramento e de expulsão ao grupo anti-partidário formado por Malenkov, Kaganovich e Molotov, no seio do P. C. U. S., na defesa da sua decisão acerca do trabalho colectivo, na luta contra as consequências e as tentativas de sobrevivência do culto da personalidade e na aplicação das normas leninistas que regem a vida interna do Partido.

Esta Resolução comprova também a continuidade da aplicação das históricas resoluções do XX Congresso, na construção do Comunismo pelo povo soviético e na luta pelo desenvolvimento da paz, da coexistência pacífica e do estreitamento da colaboração e amizade entre todos os povos do mundo.

Julho de 1957.

O Comité Central do Partido Comunista Português

PARA SOBREVIVER
SALAZAR PROCURA APOIAR-SE NA REACÇÃO INTERNACIONAL E DIVIDIR AS FORÇAS QUE NO PAÍS COMBATEM O SEU REGIME FASCISTA

É fora de dúvida que o regime salazarista se debilita com as dificuldades que enfrenta cada vez mais vivas. A última remodelação na liderança dirigente do partido fascista, União Nacional, é mesmo um reflexo disso. Manobras durante muito tempo nos mercados internos, essas contradições, esse agudizar, que lá tomaram, romperam para fora do edifício fascista.

As críticas desasombrosadas à política salazarista, até mesmo por pessoas que ainda há pouco aplaudiam o regime, feitas no Congresso do Inquérito e dos Economistas, ao mesmo tempo que evidenciam o agravamento da situação económica do país, cuja debilidade contragredora não pôde mais ser escondida ante a perspectiva da criação do «mercado comum europeu» comprovam a agudização daquelas contradições.

O salazarismo já não pode ocultar o seu crescente isolamento no plano interno e externo. No seu discurso do dia 4 Salazar reconheceu amargamente que, quanto a regime, se encontra praticamente só no mundo.

Procurando sobreviver, o salazarismo procura apoiar-se na reacção internacional. Não se sentindo, no entanto, capaz de agir em si mesmo, procura encontrar aliados e ajudas-se mutuamente a rodear as dificuldades políticas e económicas, internas e externas, em que ambos os regimes se debatem.

Salazar e Franco falam em reforçar a sua aliança militar «de atribuição de carácter e carácter económico». Nas condições actuais, a «aliança económica» é praticamente impossível de alcançar porque a maior parte dos produtos de exportação dos dois países é idêntica: vinho, cortiça, conservas de peixe, frutas, têxteis, minérios, etc. Não será pois, por aqui que Salazar e Franco conseguirão enfrentar a ameaça do «mercado comum europeu».

A par disso, especulando com a importância estratégica da península procuram negociar a sua cédula para a construção de bases atómicas e de projectos ilegítimos dos imperialistas americanos em troca dum maior apoio aos seus abalados regimes.

A lida de Craveiro Lopes ao Brasil trouxe o esforço do salazarismo em encontrar novos apoios nos círculos reacçãoários brasileiros. Mas as manifestações de protesto

e a denúncia do carácter do regime fascista de Salazar, por grande parte da imprensa brasileira, por diversos indivíduos, organizações políticas, sociais, de estudantes, etc., do Brasil, são a demonstração que os resultados da viagem de Craveiro Lopes não foram um êxito e ficaram bem longe das esperanças acalentadas pelos salazaristas.

O reforço da colaboração salazarista com os círculos reacçãoários e imperialistas da Inglaterra e de países como a África do Sul e a Níssiela não pode esconder o crescente isolamento da camarilha salazarista no plano internacional.

Dividir para reinar

No plano interno, sentindo o perigo que representa para o seu regime a unidade de todos os democratas e anti-salazaristas, Salazar tem jogado, em primeiro lugar, com o papão do comunismo para assustar os seus adversários políticos. Ele não hesita mesmo em apelar de comunistas quase todos aqueles que se mostram discordantes com o seu regime fascista.

Para a defesa da democracia e do nosso povo, Salazar tem conseguido êxitos com o seu papão comunista. Mas, agora, isto já não basta a Salazar. Verificando que forças políticas que até hoje se têm mantido neutras (e até mesmo frêscas) delas col-

aborado com ele no governo e na «União Nacional» e mesmo a manifestar-se contrárias ao regime e a procurar a seu próprio caminho independente, Salazar procura, com menos êxito, verificando isto, Salazar fomenta o ódio entre as várias forças políticas que se lhe opõem. Divide para reinar e o seu objectivo é sempre o mesmo.

Aos monárquicos alia com a perspectiva de que a monarquia poderá ser uma solução nacional a face elegida à Família Bragança.

Os Republicanos vai dizendo que a Família Bragança é apenas berdeira de 8 séculos de história.

Ao acenar com a perspectiva de monarquia aos monárquicos, Salazar não pretende apenas evitar que estes passem, mais ou menos unidos, a uma acção independente, ele procura também acirrar os rancores e o ódio entre Republicanos e monárquicos, assim impedindo qualquer entendimento entre eles com vista a mudar um estado de coisas que não permite a uns e outros organizações e movimentos organizados e que não permite também que os problemas políticos nacionais se debatam publicamente entre todos os portugueses que o desejem fazer.

Se Republicanos e monárquicos aspiram à liberdade política, se ambos desejam colocar à escolha do povo as soluções que

(continua na 2.ª pag.)

A RESOLUÇÃO DO PLENO DO P. C. U. S. DO P. C. U. S. REFORÇA O MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

De 22 a 29 de Junho esteve reunido o Pleno do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética. O Pleno discutiu a acção fraccionista do grupo anti-partidário formado por Malenkov, Kaganovich e Molotov. A Resolução salda esse reunido aprovando unanimemente por 310 membros os projectos de resolução do Comité Central e da Comissão Central de Controle, significando, antes de mais, que o Partido Comunista da União Soviética, encabeçado pelo seu Comité Central, aplica intransigentemente as normas leninistas da vida interna do Partido e defende com energia a sua pureza, justiça, que, acima de tudo, está a defesa da unidade do Partido e dos sagrados interesses do povo.

Efectivamente, a Resolução do Pleno do P. C. U. S. assenta em factos concretos e resulta dum análise cuidadosa das posições erradas das camaradas Malenkov, Kaganovich e Molotov.

Como o sistema salazarista e a Resolução, neste momento preciso em que todo o Partido e o povo se esforçam denodadamente por corrigir os erros do passado e caminhar para o cumprimento das históricas resoluções do XX Congresso, tais posições revelam que o grupo Malenkov-Kaganovich-Molotov estava divorciado da vida do Partido e do povo, agarrado a pontos de vista antiquados e a métodos rolinheiros, dogmáticos e sectários de acção.

Como o sistema salazarista e a Resolução, neste momento preciso em que todo o Partido e o povo se esforçam denodadamente por corrigir os erros do passado e caminhar para o cumprimento das históricas resoluções do XX Congresso, tais posições revelam que o grupo Malenkov-Kaganovich-Molotov estava divorciado da vida do Partido e do povo, agarrado a pontos de vista antiquados e a métodos rolinheiros, dogmáticos e sectários de acção.

Como o sistema salazarista e a Resolução, neste momento preciso em que todo o Partido e o povo se esforçam denodadamente por corrigir os erros do passado e caminhar para o cumprimento das históricas resoluções do XX Congresso, tais posições revelam que o grupo Malenkov-Kaganovich-Molotov estava divorciado da vida do Partido e do povo, agarrado a pontos de vista antiquados e a métodos rolinheiros, dogmáticos e sectários de acção.

contra o colectivo do Comité Central, revelou-se um grupo anti-partidário. Os camaradas que constituíram o grupo fraccionista foram incapazes de aproveitar a ajuda que o P. C. U. S. se esforça paciente e continuamente por prestar-lhes, não souberam vencer correctamente os seus erros e cometeram erros graves. Os leninistas, para marchar em frente, no bloco monárquico, para a construção do comunismo no grande União Soviética, para o fortalecimento do campo da Paz e do Socialismo.

A lida de todo o P. C. U. S. contra as acções do grupo anti-partidário, as energias medidas que foram unanimemente tomadas pelo Pleno do Comité Central constituem um precioso auxílio a todos os Partidos.

(continua na 2.ª pag.)

OS OPERÁRIOS DA SOTANCO E DA BARROS & BARROS LUTAM CONTRA A EXPLORAÇÃO

Os patrões por todo o lado aumentam a exploração dos trabalhadores. Estes, porém, vão unindo-se cada vez mais e sempre que fazem conseguem lutar victoriosamente contra os intentos do patronato. Assim aconteceu agora com as valentes operárias da SOTANCO e da fábrica Barros & Barros, do Poço do Bispo, que no dia 27 de Junho resolveram não continuar a trabalhar de emprego e face aos baixos salários e condições de trabalho que não lhes permitiam de abandonar o trabalho que ele se viu obrigado a recuar, passando assim as operárias a trabalhar à força.

Também na fábrica de vidros e cristais da Amadora (SOTANCO) os operários se levantaram em luta contra o vil descontentamento que os patrões estavam a produzir constantemente o forno se avaria e a produção linha que paraliza. Primeiro foram todos os Sindicatos para que este «brigo» do patrão a pagar-lhes quanto isto voltasse a acontecer, mas como ali lhes disseram que não estavam sindicalizados, foram pedir ao patrão para os sindicalizar imediatamente e quando não houve resposta quando houvesse avaria. Como o patrão tivesse recusado, todo o pessoal da fábrica lhe anunciou a disposição de abandonarem o trabalho, disseminando-se a notícia e comunicou com as ameaças de prisão feitas pelo patrão e que acabou por o obrigar a prometer atender-lhes na sua justa reclamação. As operárias do SOTANCO lutam também por um aumento geral de salários e um novo contrato colectivo com o Sindicato. Para o conseguirem terão que manter-se unidas e lutar com firmeza contra o patrão que agora o fizeram. Da sua unidade e firmeza dependerá ainda que o promessa do patrão se transforme em realidade.

“HA FORÇAS DESTRUTIVAS MAS O HOMEM NÃO É DE SUPERA-LAS”

No discurso de uma entrevista concedida a Igreja Caserio conhecida no Rádio Clube Português no dia 15 de Junho, o grande escritor Aquilino Ribeiro integrou na campanha mundial contra as armas de extermínio em massa. Aquilino desfez a ideia de que as armas nucleares são necessárias porque a técnica se desenvolve muito rapidamente, afirmando que os progressos técnicos também se alcançarão em tempo de paz, e de se baterem pela guerra e pela loucura; tempos que se não se criou, capazes de criar a emulação pela beleza, disse em resumo Aquilino Ribeiro.

Sobre as armas atómicas, considera-as também uma loucura e pensa que deveriam ser suprimidas. Diz mais: que o homem há de encontrar em si forças para destruir e superar as forças destrutivas que agora se espreitam para a humanidade. Mostra-se, por isso, confiante na futura aplicação da energia atómica para fins pacíficos, o que tornará ainda a alguns anos a vida muito mais agradável.

No final da entrevista, Aquilino Ribeiro enviou uma mensagem aos seus camaradas, proclamando a necessidade para todos os escritores de anar a verdade e o progresso e de se baterem por uma e pela paz. A missão dos escritores é interessarem-se por todos os problemas do homem», afirmou Aquilino.

Os partidários da paz não podem deixar de se congratular com as palavras e a mensagem de Aquilino Ribeiro, feita com a experiência de vida que lhe são os seus 72 anos de idade e o conhecimento dos problemas dos escritores e da humanidade. Aquilino, que lançou o apelo para a Sociedade Portuguesa de Escritores (que veio a ser uma realidade arrebatada ao

salazarismo por anos de luta), que encabeçou com mais 49 indivíduos de um apelo para a concessão de uma ampla amnistia e das liberdades fundamentais para todo o povo português, ergueu agora as miradelhas do Rádio Clube Português uma campanha mundial contra as armas de extermínio em massa e a guerra de termo-nuclear, que o nobilíssimo e grande povo e lhe aumenta o prestígio lá muito alcançado ante a intelectualidade portuguesa e europeia.

Digne-se exemplo que não deixará de ser seguido e que vem continuar as declarações públicas de tantos outros, entre os quais se incluem os grandes escritores, Rui de Almeida (o Jornal de Notícias), de Maria de Carvalho (o Diário de Lisboa), de Pereira da Rosa (o O Século), de Dinis Bordalo (o Diário da Manhã), de João de Deus, o último, no dia 18 de Junho, escreveu num seu artigo «Aos pais e às mães de Portugal, das corações onde está vivo a chama da humanidade e da consciência comum, os responsáveis por decisões nacionais que têm a emprestar a responsabilidade dos destinos da humanidade e da Europa. Não se liguem com o mérito bastante da sinceridade, um apelo formal para que o nosso País tome no movimento de paz e de liberdade e de consciência assim abertamente ao lado da luta mundial contra as experiências atómicas e as armas de extermínio em massa.

MAIS ACTOS E MENOS PALAVRAS

... e a sua camarilha continuam a tratar que as colônias são províncias, onde não existe qualquer discriminação racial, onde todos gozam de direitos iguais. Desconhecemos que os síncocos tenham sido tratados de modo diferente. Eles são, porém, muito diferentes.

Um relatório oficial do ex-governador do Estado de São Paulo, Dr. Jacinto F. Rodrigues Basto, conta, dada de 4 de Março de 1956 e dito que em Angola o indígena recebe 50000 nos trabalhos públicos (recolha de lixo, limpeza pública, etc.) e particulares, ambos por mês e com comida. É dito que se obriga os indígenas a trabalhar nas estradas do distrito sem remuneração alguma, e que os indígenas são obrigados a trabalhar em condições de escravidão e a quantidade de comerciantes. É dito que «a mesma tempo que se condenam a estes ao tratamento de escravos, os portugueses os tratam como cidadãos».

Que nos diz isto? Que se exercido o mais feroz colonialismo, que o negro é tratado como uma coisa e não como um ser humano, que a discriminação racial aparece aqui com toda a clareza, que o colonhiista branco é o senhor, o dono, e o negro é na sua própria terra o escravo. Para os colonialistas portugueses, conforme o jornal «O Século» num dos seus números de 1906:

Nós, comunistas, pensamos de forma absolutamente diferente. Nós consideramos que o negro das colônias portuguesas da África possui todas as qualidades para dirigir, orientar e organizar a sua própria vida de uma maneira livre e independente, e estamos certos que o fará num futuro não muito distante.

A classe operária, todos os trabalhadores portugueses devem procurar por todas as formas ajudar os povos das colónias portuguesas a constituírem a sua própria vida, organizarem-se para a luta contra o inimigo comum: o imperialismo. Para já importa desmascarar com toda a energia e por todas as formas ao nosso alcance a demagogia salazarista em relação às colónias, exigindo que as palavras se transformem em actos, que se fale menos em direitos mas que se concedam os direitos na prática. Que se fale menos em liberdade e que se dê antes a liberdade efectiva aos naturais das colónias portuguesas. Que, por exemplo, por trabalho igual se pague salário igual.

continuação)

judgem melhor servir os interesses de Portugal e do povo português, nós pensamos ser absolutamente possível e de desejar um entendimento para derrubar o principal obstáculo que o impede — Salazar e o seu governo. Como republicanos, faremos tudo para o conseguir.

são fascistas

No cita o discurso, Salazar fez uma tentativa mal agitada para convencer os seus acusadores de que também noutros países se limitavam as liberdades. Em Portugal não se limitam as liberdades pelo simples facto de elas não existirem. Em Portugal domina uma ditadura fascista, pessoal. E Salazar quem decide tudo. E ele que nomeia e demite, incluindo: os dirigentes do partido fascista, União Nacional.

Salazar mais uma vez elaborei todas as maiores e mais pequenas mentiras para sua defesa. Se ele tivesse dito o contrário é que seria de admirar.

A supressão dos partidos políticos em

Portugal e a sua não existência tem sido apenas um bem para os elementos reacção-istas, para os que não querem a República e que servem o governo. Para a classe operária, para todas as classes laborais, para a burguesia não monopolista e para os camponeses, a República representa o fascismo, a supressão de todas as liberdades democráticas, a expolição e a escravização da maioria, a morte, a fome, a guerra.

Não sentindo os interesses perante a opinião pública, não estando sujeitos à crítica e controle, de quem quer que seja, os políticos portugueses não têm nada a servir, melhor quem lhes paga.

Os parlamentos representam as classes, os sectores económicos, representam massas e minorias, representam interesses e não os seus representantes, onde quer que se encontrem, estão sempre sujeitos ao controle e à crítica das classes, dos sectores e das massas.

Estão aceso Salazar e os seus ministros sujeitos a qualquer controle e a qualquer critica pública? São eles responsáveis perante os representantes do povo? Não. Eles nem sequer são responsáveis perante a Assembleia Nacional fascista. E isto é um mal porque assim todos os crimes, todos os roubafeitos, todas as ilegalidades, todos os atentados contra os interesses da Nação cometidos pelos ministros e outros grandes de diladura ficam impunes e até no desconhecimento público.

Os factos tornam mais uma vez claro que não há, de qualquer modo, no governo, nem no povo, a menor tendência para os próximos actos eleitorais manter a mesma situação de orientação. Isto coloca a necessidade de se organizar um largo movimento eleitoral de massa, na base da mais ampla unidade de todos os correntes anti-salazaristas, porque só pelo da luta das massas se impoem reformas necessárias à causa da democracia e se se ampliam, por fim, o governo e a regime salazaristas.

O alarazismo, porque não tem intenção de desenvolver do Brasil uma força finalizada do tipo das S. A. de Hitler, que juntamente com a PIDE, a G.N.R. e outras forças repressivas, compõe o aparelho demográfico da ditadura, para a manutenção do regime popular. Os exercícios de quase mil legionários realizados em Torres Vedras nos dias 22 e 23 de Junho confirmam isto, e

[illegible]

que mais de dez serão lançados sobre os dirigentes operários e camponeses e ainda sobre as próprias mestres que restas ações participarem, preparam, a exatidão que tudo de vir a Nação para se julgar a favor da liberdade e da justiça social. O ânimo dos legionários é o do cão e do povo. Impõe-se, pois, que desde já demostremos a estes exercícios da Legião que a ordem e a disciplina são a base de tudo que realizam, para o seu verdadeiro significado. Impõe-se, também, que chamemos a atenção dos legionários ludus mas honestos e trabalhadores para a importância da disciplina e da organização da Legião. Entre os legionários e por dos ludus há muitos homens honrados que por serem compelidos a inscrever-se na Legião, não tinham em mente a disciplina e a organização da Legião. É um fato de todos os dias, não existe mais fanatismo pela demagogia salazarista, que devemos exercer a nossa ação e o nosso esclarecimento, mostrando-lhes o destino que a Legião lhes reserva.

Aproveitamos a hora do almoço para conversarmos com um dos operários desta empresa onde cerca de 500 hom

trabalham diariamente,
— Então que f. l. vê as coisas por cá?
— Ora, pior do que nunca!
— Porquê? Tem havido despedimentos?
— Não, nada disso. A coisa é tem pior,
porque trata-se de nos meter lentamente.
Já ouviu falar de barómetros, ou cronómetros,
lá ou se lá o que é? Pois agora andam cá
uns senhores com esses relógios em punho
e querem que a gente trabalhe alebustar.
Numa secção cinco estavam lá a trabalhar
— Fizeram 5. Ficaram 6 a fazer o mesmo
trabalho que onze!
— Não podemos deixar de dizer:
— Então o que fizeram aos 5? Foram pa-

— Por enquanto não. O que eles querem é produzir o dobro com o mesmo pessoal. E esta é a verdade, fazendo o dobro vendem o dobro e ganham o dobro. Assim é que se vende as coisas. Falam num prêmio, mas eles aggra os que têm estado a trabalhar o dobro nada receberem. E se o chegoem a dar lá se sabe o costume: é só nos primeiros tempos; depois volta tudo a mesma com os dantes.

— à mesma só no salário porque no trabalho continuam no mesmo ritmo acelerado. O que pensam fazer por cá nesta nova situação?

— Ora, eu por mim já sei. Faça o mesmo que fazia, nem mais nem menos. Sabe que há lá alguns colegas que têm a culpa também. Quando vêm os homenzinhos do cronômetros ao pé da banca dão tanta meca nos dedos que nem sei como não o queimam. Estes é que tornam tudo mais difícil.

— Lá isso é verdade. Mas deixe lá quem depressa se convencerão eles mesmos que

isso não é bem-falho, pois não só prejudicam os colegas como se prejudicam a eles mesmos. Uma vez que façam tantas peças por hora uma vez, o patrão exige que as façam sempre. E, quanto ao prêmio... Você já disse como era. E sabe-no-fim o resultado de tudo? É trabalhar muito mais e ganhar um mesmo ou quando muito um pouquinho mais que nada compensa o esforço.

— Para mim quem lucra com tudo isto são os tais senhores dos barômetros que estão

DO P. C. U. S.
(continued)

dos irmãos no sentido de preservar intransigentemente a sua unidade interna, e aplicar com toda a firmeza os princípios leninistas que constituem a sua força e

A Resolução do Piero do C. Cl. do P. C. U. S. enriquece a experiência do movimento operário internacional, ensina a levar à prática, sem desfechos, a luta contra as deficiências e erros praticados e a extirpar pela raiz as suas nefastas consequências, ensina a aplicar a teoria e a consequente

A Resolução do Povo do C. C. do PFC U. S. tem enorme projeção na vida política internacional, pois representa uma decisiva contribuição para o desenvolvimento e reforçamento da Paz, da coexistência pacífica e do estreitamento das relações de amizade e de colaboração entre os povos do Mundo inteiro.

Resolução do Pleno do Comitê Central do P.C.U.S.S., ao ajustar do Praesidium do Comitê Central, do Secretariado do Comitê Central e dos seus cargos no Governo ou elementos do grupo anti-partidário, constitui uma decisiva contribuição para o fortalecimento ainda maior das fileiras do Partido Comunista da União Soviética, para a coesão da sua direcção leninista, para a unidade inquebrantável do campo socialista mundial.

Entre estas realidades de tão profundo significado e alcance se quebram as colunas da espartilhada reacção, se preparam precisamente estender e enriquecer a importância destas medidas e provocar dúvidas e vacilações.

Mais uma vez triunfam as forças novas, ardentes de Vida e de Futuro. Como em todas as coisas, tudo o que é caduco, incapaz de acompanhar o progresso e o espírito criador das massas, está fatalmente condenado a submeter-se às leis da própria vida.

100

Transmite para Portugal, todos os dias, das 22 h. às 22,30 pelos ondas de 19,25 e 20 metros e das 23 h. às 23,30 em 20,25 e 21 metros.

Os homens do governo, a imprensa e o rádio ao seu serviço atribuem culpavelmente a URSS intúitos agressivos.

Perguntamos: Acaso a URSS, ou qualquer outro país socialista, tem ameaçado Portugal? E acaso a URSS tem bases militares em território português?

A URSS, a China e todos os países socialistas - têm feito propostas consecutivas tendentes a diminuir a tensão internacional e a garantir a paz. Têm declarado vezes sem conta que estão prontos e desejosos de manter relações comerciais com todos os países na base de plena igualdade e de

Perguntamos: Que respostas deu até hoje o governo português a tudo isso? Fez alguma tentativa com vista a procurar conhecer em permaner as suas propostas sociais? Procurou saber quais as condições em que podia encetar relações comerciais com tão grande país? Não. O governo de Salazar não deu até hoje um único passo positivo nesse sentido. Ao contrário, ele não pode evitar julgar em coexistência pacífica, em pecúas de paz, em relações normais

com países com sistemas sociais diferentes. Mas se acaso a causa das despesas astronômicas com as forças militares deram origem de mal-entendidos entre a URSS e a China, a China e Portugal ou entre Portugal e todos os países da Europa, não é nada que o governo português ou governos desses países no sentido de, por exemplo, se enfileirarem negociações com vista a assegurar-se garantias mútuas. Não seria isto uma forma positiva que proveja um desejo de entendimento? E estas negociações chegassem a bom termo não poderia Portugal diminuir substancialmente as suas despesas militares e encontrar um enorme mercado para todos os seus produtos, produzido em troca de produtos de alta qualidade?

Também em discursos dos governantes salazaristas e na imprensa e rádio se diz constantemente que na URSS reina o descalabro, a miséria, a fome, a completa ausência

Perguntamos: Porque se não dá plena liberdade a todos os portugueses qu

queiram e possam de ir ver com os seus próprios olhos tudo isso? Não seria isto uma forma de se comprovarem as afirmações dos governantes e da imprensa do seu serviço? Não seria útil para Portugal e os países socialistas que os seus povos se comesçassem a conhecer de maneira directa?

Para começar poder-se-ia, por exemplo, procurar trazer a Portugal um grupo de

popular soviético e enviar à URSS um dos nossos ranchos populares mais característicos. O Palet soviético tem sido visto em qual

todas as capitais da Europa, porque não se procura fazer-lo também à nossa capital enviando-nos a URSS o que temo de ma-